

REPRESENTAÇÕES DAS PERSONAGENS FEMININAS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL CONTEMPORÂNEA DE ANA MARIA MACHADO

Ryanne Martins Pereira
(UEMA)

Marcos Antonio Fernandes dos Santos
(UFMS)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Ryanne Martins Pereira é graduada em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual do Maranhão. Defendeu trabalho de conclusão de curso intitulado "Configurações das personagens femininas na literatura infantojuvenil contemporânea", sob orientação do prof. Me. Marcos Antônio Fernandes dos Santos. E-mail: ryannepereira@aluno.uema.br

Marcos Antonio Fernandes dos Santos é mestre em Letras (Teoria Literária) pela UEMA (2020) e Doutorando em Letras, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. É membro do grupo de pesquisa Literatura e Vida (GPLV). Professor Substituto do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas, na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. E-mail: prof.marcosf8@gmail.com

RESUMO

O presente artigo propõe analisar a construção das personagens femininas nas narrativas *História meio ao contrário* e *A princesa que escolhia*, de Ana Maria Machado, com o objetivo principal de investigar como o feminino vem sendo representado na literatura infantojuvenil contemporânea brasileira. Para tanto, a pesquisa tem abordagem qualitativa e quanto aos procedimentos, é bibliográfica. Como aporte teórico, foram utilizados autores como Zilberman (2005); Cadermatori (2010); Coelho (2000); Cunha (2006); Beauvoir (2009); Almeida (2017), entre outros. Como resultado, foi possível concluir a partir da análise literária das obras mencionadas, que as personagens femininas nas narrativas contemporâneas vêm sendo representadas de uma forma diferenciada de personagens apresentadas nas narrativas tradicionais, deixando de ser dependentes, submissas e passivas. Mostrando-se, agora, emancipadas, independentes, autônomas, capazes de fazerem suas próprias escolhas e seguirem seus próprios caminhos, sem o auxílio da figura masculina, o que condiz com a realidade da mulher na sociedade atual.

ABSTRACT

The present article propose analyze the construction of female characters in the narratives *História meio ao contrário* and *A princesa que escolhia*, by Ana Maria Machado, with the main objective of investigating how the feminine has been repressed in contemporary Brazilian children's literature. For this, the research has a qualitative approach and, as for procedures, it is bibliographic. As theoretical support, authors such as Zilberman (2005); Cadermatori (2010); Coelho (2000); Cunha (2006); Beauvoir (2009); Almeida (2017), among others, were used. As a result, it was possible to conclude from the literary analysis of the mentioned works that female characters in contemporary narratives have been represented in a differentiated way from the characters presented in traditional narratives, no longer dependent; submissive and passive. Showing themselves, now, emancipated, independent, autonomous, capable of making their own choices and following their own paths, without the help of the male figure, which is consistent with the reality of women in today's society.



PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Literatura infantojuvenil contemporânea; Narrativas; Personagens femininas; Representação; Ana Maria Machado	Contemporary children's literature; Narratives; Female characters; Representation; Ana Maria Machado

INTRODUÇÃO

A literatura infantojuvenil, em sua definição mais ampla, compreende obras voltadas para crianças e jovens adolescentes com a idade entre cinco (5) e treze (13) anos. Por englobar essa faixa etária, o desafio é ainda maior para os escritores desse ramo, que neste caso, precisam ter o domínio da escrita literária, pois são textos que se caracterizam pelo uso de uma linguagem acessível ao público, de fácil entendimento, que cativa e chama atenção dos mais diversos leitores, sem, no entanto, subestimar as capacidades do leitor a quem é direcionada.

É uma literatura que se mostra vasta pela extensa produção, abarcando obras de diferentes gêneros e temáticas diversificadas que proporcionam o prazer pela leitura, pelo conhecimento e estimula a imaginação. Como assegura Almeida (2017, p. 8), “a dimensão da literatura infantojuvenil é ampla e proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo incontestável”. Nesse sentido, tem um papel de grande importância na construção cognitiva-social de crianças e jovens, ajudando-os a tornarem-se cidadãos críticos, reflexivos e conscientes de seu papel na sociedade.

Sendo um campo riquíssimo de criação e produção, a literatura infantojuvenil desperta no indivíduo a criatividade, o prazer, o encantamento, a fantasia e a descoberta de um mundo repleto de conflitos. É por meio da leitura, que a criança consegue se transportar para outros universos, conhecer novos lugares, pessoas e questões que fazem parte da realidade em que está inserida.

Dessa maneira, é importante destacar que as obras de literatura infantojuvenil abarcam uma série de temáticas que se pautam no que acontece no mundo, abordando, por exemplo, questões de diversidade, identidade, gênero, meio ambiente, indígena, literatura antirracista, entre outras possibilidades.

Nesse conjunto de produções, situam-se, por exemplo, as obras *História meio ao contrário* (2010) e *A princesa que escolhia* (2012), ambas de Ana Maria Machado. Obras essas, frutos da qualidade estética, da criatividade e originalidade dessa grande escritora brasileira que se destaca, principalmente, nas produções voltadas para o público infantil e juvenil.

Com personagens típicos dos contos de fadas, como reis, rainhas, príncipes e princesas, *História meio ao contrário* e *A princesa que escolhia*, apresentam certa ruptura com os padrões tradicionais, conferindo um lugar importante para as personagens femininas, no caso, as princesas. O crescimento dessas personalidades no decorrer do



enredo, possibilita uma nova configuração do que é ser mulher na atualidade, de poder fazer as próprias escolhas e trilhar os próprios caminhos.

Nesse sentido, a representação feminina na arte tem passado por intensas transformações. Não preferindo seguir a trajetória dos clássicos, Ana Maria Machado optou pela inovação, buscando para suas narrativas alternativas “que são, ao mesmo tempo, contestadoras e divertidas, agradando, pois, o leitor habituado ao estilo dos contos de fadas” (Zilberman, 2005, p. 53).

A autora retoma em suas narrativas com o universo dos contos de fadas, mas, criando possibilidades, explorando temas da atualidade aos clássicos e oferecendo um novo olhar sobre o feminino na contemporaneidade. É possível notar que sempre houve na literatura infantil a preocupação em criar perfis arquetípicos e estereotipados de personagens, na qual se destacam as princesas dos contos — Cinderela, Branca de Neve, Bela Adormecida, Rapunzel, entre outras. No entanto, com as várias mudanças ocorridas na sociedade e com as lutas das mulheres por seus direitos, observa-se que essa literatura também se transformou, trazendo perfis femininos que já não condizem com o tradicional. Assim, há na narrativa infantojuvenil contemporânea, a tendência de representar mulheres reais e não estereotipadas, como aquelas típicas dos países europeus.

Sendo assim, visto que as narrativas clássicas buscavam construir personagens totalmente passivas, dependentes e submissas, a problemática que se apresenta se refere ao seguinte questionamento: Como as personagens femininas são construídas nas narrativas infantojuvenis contemporâneas *História meio ao contrário* e *A princesa que escolhia*, de Ana Maria Machado?

Partindo desse questionamento, chegou-se ao objetivo desse artigo que é investigar como as personagens femininas são representadas na literatura infantojuvenil contemporânea.

Diante disso, este estudo se justifica pela necessidade de se discutir a desconstrução de gênero na literatura, sendo relevante por analisar a representação do feminino nas narrativas infantojuvenis contemporâneas. Acresce que, trabalhar com novas configurações de feminino; com personagens que se apresentam como transgressoras, que rompem com o ideal de beleza, submissão, passividade e que agora se mostram independentes, questionadoras e autônomas; acaba ampliando a formação de crianças e jovens leitores, ajudando-os a refletirem sobre outros modos e formas de comportamento.

1 LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS

A literatura infantojuvenil pode ser definida como obras destinadas a uma faixa etária específica, no caso, envolvendo a passagem da criança para o adolescente. Ela tem a capacidade de aprimorar o imaginário e desenvolver o conhecimento de mundo do indivíduo, levando-o a outras realidades.



O teor da obra literária voltada para a criança compartilha das mesmas intenções de um texto literário produzido para o público em geral. No entanto, como voltado para um público específico, apresenta suas especificidades. Ambas se constituem dos mesmos elementos narrativos (estrutura linear, tempo cronológico, personagens planas), mas se diferem na complexidade de concepção, sendo mais simples em seus recursos (Cunha, 2006).

Desse modo, é uma literatura que apenas faz sentido em função da forma como é escrita, comunicando ideias universais a todos, em especial, ao público a que se destina. Para isso, se utiliza de uma linguagem simples, clara e, ao mesmo tempo, profunda para tentar repassar aquilo que quer dizer para o leitor em formação.

A identificação de quem lê com o livro, torna-se essencial no momento da leitura. O texto precisa despertar seu interesse e curiosidade, correspondendo aos seus anseios. Segundo Ligia Cadermatori (2010, p. 10), a literatura infantil “se caracteriza pela forma de endereçamento dos textos ao leitor”.

Deve-se levar em consideração “a idade deles, em suas diferentes faixas etárias” e os elementos constitutivos da obra “devem estar de acordo com a competência de leitura que o leitor previsto já alcançou” (Cadermatori, 2010, p. 10). Portanto, produzir ou escolher um livro para a criança não é tarefa fácil. É necessário ter em vista alguns critérios, como a complexidade do texto, a parte gráfica, a constituição e a forma (design, tamanho das letras, espaçamento das linhas, etc.).

Em suma, a literatura infantil consiste em produções que encantam, despertam o prazer, a imaginação, a emoção, a fantasia, a identificação e o interesse da criança. Na concepção de Coelho (2000, p. 27), “é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização”.

Cada época compreendeu e apresentou literatura a seu modo. E conhecer a forma como ela foi destinada para suas crianças é uma maneira de entender os valores e ideais como cada sociedade se fundamentou.

Da sociedade antiga até à Idade Média, não se tinha a concepção de infância. A realidade da criança era a mesma do adulto: trabalhava, presenciava nascimentos, mortes e doenças; além do mais, era tratada com indiferença, sem nenhum laço afetivo.

Mas, é na passagem entre os séculos XVII e XVIII, quando a criança passa a ser considerada, em suas especificidades e suas diferenças em relação aos adultos, que a literatura infantil, ou melhor, os primeiros livros produzidos e escritos para esse público começam a se delinear.

Essas primeiras obras surgidas no século XVII, têm início com o francês Charles Perrault, quando decide coletar e adaptar os contos e lendas populares extraídas da memória do povo (Cinderela e Chapeuzinho Vermelho). Logo depois, no século XIX, na Alemanha, os irmãos Grimm dão continuidade a esse trabalho, também com os contos populares (João e Maria e a obra Rapunzel). A partir daí, outros nomes surgem, como o do dinamarquês Hans Christian Andersen (Cadermatori, 2010, p. 30).

Em se tratando do Brasil, Coelho (2000), acrescenta ainda que, desde a metade do século XIX não havia uma literatura infantil nacional. As histórias que aqui circulavam



eram meras adaptações europeias. Assim, por serem produções estrangeiras traduzidas, não simbolizavam a cultura e, conseqüentemente, não faziam parte da realidade e do cotidiano das crianças brasileiras. Foi somente com Monteiro Lobato e sua obra *A menina do Narizinho Arrebitado* (1920), que as portas se abriram para as inovações na literatura infantojuvenil.

O escritor “buscou romper com as barreiras educacionais reproduzidas pelas obras que, embora destinadas ao público infantojuvenil, tinham por objetivo apenas inculcar a postura didática e moralista” (Almeida, 2017, p. 14). Conseguiu, nesse sentido, criar uma literatura instigante e comunicativa, utilizando uma linguagem rica; coloquial; criativa e original, permeada de sentimentos e realidades; com personagens inquietas, livres e democráticas que chamavam a atenção dos jovens leitores. Por muito tempo a literatura viveu à margem de seu nome:

Seguiu-se um longo período em que poucas obras destinadas às crianças foram escritas no Brasil. O período de 1940 e 1970 é chamado de “limbo dos imitadores” dos modelos lobatianos, ou seja, durante esses anos, a literatura viveu à sombra de seu nome. Foi somente a partir da década de 1970 que os textos passaram a ter qualidade literária e a questionar problemas e dúvidas (ALMEIDA, 2017, p. 21).

É a partir dessa década de 1970, que a literatura infantojuvenil toma um rumo diferente. Surgem novos escritores, apresentando outras formas, caminhos e propostas para essa literatura voltada para crianças e jovens, graças à contribuição de Monteiro Lobato.

Em seu artigo intitulado de *Literatura infanto-juvenil contemporânea: texto/ contexto-caminhos/ descaminhos*, Riche (1999), afirma que essas novas produções se mostram variadas, com uma grande diversidade de temáticas, havendo uma tendência voltada para as questões existenciais, isto é, que estão presentes no mundo e que fazem parte da vida do ser humano.

2 LITERATURA E GÊNERO

A literatura infantojuvenil apresenta constantemente assuntos delicados e importantes com bastante maestria e cuidado. Não desempenha apenas o papel reflexivo, mas de instrumento de representação, de modo que, por meio da leitura, as crianças poderão ampliar seu repertório de palavras, adquirindo cultura, conhecimentos e valores, significando, portanto, seus papéis sociais. Botton (2011), nesse sentido, questiona:

A literatura infantil, vendida como sinônimo de lazer e diversão, como um treino para a entrada no mundo dos (as) letrados (as) ou para o seu aperfeiçoamento, é capaz de ensinar algo além dessas principais atribuições? A resposta nos parece clara: através de uma linguagem



moralizante — embora sutil —, os livros destinados às crianças podem influenciar seus comportamentos, suas atitudes e seus pensamentos através das inúmeras mensagens que transmitem (BOTTON, 2011, p. 25).

Como vem sendo enfatizado, as obras infantojuvenis estão abrindo cada vez mais espaços para debater diversas questões e, uma delas, são as discussões relacionadas ao gênero, que encontram nesse meio, lugar “para se desenvolverem e fornecerem à sociedade oportunidades para repensar rótulos, ampliar conhecimentos, quebrando crenças limitantes pré-estabelecidas” (NIGRO, 2019, p. 123).

É importante frisar que, as crianças aprendem, desde muito cedo a se comportarem de uma única forma e, tal comportamento, é determinado de acordo com o seu sexo. Nessa perspectiva, Simone Beauvoir (2009), em seu livro *O segundo sexo*, no capítulo infância, discorre sobre esses comportamentos destinados às crianças do sexo masculino e feminino, mostrando que existe uma grande necessidade de ensinar ao menino que sua virilidade deve ser exibida e, caso expresse sentimentos e emoções, passa a ser visto pela sociedade com uma masculinidade frágil. Já a menina, deve ser em sua essência, pura, delicada, inocente e ter consigo o instinto materno.

Seguindo esse sistema patriarcal, cabe ao homem trabalhar, proteger e manter a família. Por outro lado, a mulher tem que ser virtuosa, obediente, cuidar da casa, dos filhos e do marido. Essa desigualdade, originada pelo patriarcado, acabou se refletindo nas histórias da literatura infantil, como *Branca de Neve*, *Cinderela* e *Rapunzel*, textos escritos para ensinar, desde cedo, os papéis de gênero na sociedade.

As mulheres são representadas nessas narrativas como frágeis e sensíveis, ao contrário dos homens, que são símbolos de virilidade e força. Segundo Barbosa (2016, p. 9), os livros que pretendem atingir o público feminino, frequentemente, “trazem em suas capas e enredos figuras como fadas, princesas ou bailarinas. Já para os meninos, as figuras representativas são heróis ou príncipes, com histórias cheias de aventura e ação”.

No entanto, a literatura infantojuvenil contemporânea surge com a tendência de representar mulheres reais e não estereotipadas, como as das histórias clássicas dos contos de fadas. Nota-se “publicações de livros nacionais e internacionais de literatura infantil”, que abordam em específico, “a temática das princesas no sentido de criar contextos e personagens que tenham a intenção de deslocar representações de estereótipos” (BOLTEN, 2019, p. 13).

Essa nova forma de representação das personagens femininas auxilia na formação de uma nova mentalidade, tanto das meninas, que passam a entender que é possível ser o que quiserem e ocupar qualquer espaço na sociedade, quanto dos meninos, que passam a obter a concepção sobre respeito à diversidade e igualdade de gênero.

A escrita que aborda o protagonismo feminino contribui para o empoderamento da criança, pois é por meio de histórias de personagens fortes, independentes, autônomas e determinadas que as meninas se identificam e se inspiram. Na visão de Rocha e Barbosa (2020),

Um leitor que só tiver acesso a textos literários com discursos patriarcais, com personagens masculinos no centro da história, a quem tudo é possível



e permitido, e apenas personagens femininas com a inexpressividade camuflada pela doçura e pela obediência, poderá ter a errônea percepção de universalidade no que está lendo (Rocha; Barbosa, 2020, p. 8).

Dessa maneira, autoras como Marina Colasanti; Ruth Rocha; Ana Maria Machado; Thaís Linhares; Rachel Isadora, entre várias outras, surgem para romper com os discursos patriarcais que por muito tempo permearam as histórias infantis.

Destacam-se, então, com obras que representam personagens femininas protagonistas e transgressoras, oferecendo às crianças leitoras múltiplas possibilidades de entender o mundo e uma nova visão a respeito dos papéis sociais das mulheres.

Segundo Riche (1999, p. 134), essas escritoras contemporâneas trazem, em algumas de suas obras, personagens alegóricas e simbólicas dos contos de fadas que a princípio parecem não ter nenhum compromisso com a realidade imediata, como reis, rainhas, príncipes, princesas, tecelãs, sereias e unicórnios.

No entanto, é por meio dessas personagens que elas conseguem questionar valores e papéis sociais, o poder masculino em contraposição à sensibilidade feminina e às relações feminino e masculino numa sociedade racional e consumista. Assim, as personagens que não se conformam com os papéis sociais pré-determinados são apontadas como ambíguas, desviantes, agem na contramão da história, mas estão mais próximas da realidade.

Portanto, uma literatura com um olhar feminino ganha espaço. São muitas as produções infantojuvenis contemporâneas, de autoria feminina, que debatem sobre gênero, feminismo, bem como representatividade de uma forma simples e sutil.

A maneira como essas questões, direcionadas às crianças, são abordadas, contribuem para uma visão mais crítica da realidade, para a quebra de condutas patriarcais mantidas pela escrita de autoria masculina e de paradigmas socialmente definidos. O contato do pequeno leitor com esses assuntos ajuda a “expandir a capacidade e o interesse de análise do mundo e a sensibilização da consciência” (Almeida, 2017, p. 12).

É de extrema importância que as crianças, principalmente as meninas, tenham acesso a textos que propõem discussões sobre o papel da mulher na sociedade atual. Nesse viés, destacam-se algumas obras das escritoras mencionadas acima, que se desenvolvem evidenciando o protagonismo da personagem feminina e propondo um novo olhar a respeito da mulher, como *A moça tecelã* (1982), de Marina Colasanti; *Procurando Firme* (1984), de Ruth Rocha; *A princesa e a ervilha* (2007), de Rachel Isadora; *Princesas em greve* (2019), de Thaís Linhares; *História meio ao contrário* (1978) e *A princesa que escolhia* (2005), de Ana Maria Machado.

Temáticas relevantes como a autonomia da mulher; a escolha pelo seu destino; o empoderamento feminino; a busca por identidade e igualdade de direitos entre os gêneros, são percebidos dentro desses enredos.

Ana Maria Machado, por exemplo, se destaca nesse meio por enfatizar muito bem essas questões em várias de suas narrativas. A autora, ao retomar com os clássicos em suas histórias concede um importante lugar para as personagens femininas, como se pode perceber em *História meio ao contrário* e *A princesa que escolhia*, em que as princesas buscam por seus direitos de escolha e reconhecimento.



3 ANÁLISE LITERÁRIA DAS OBRAS

Escritora carioca de grande referência na literatura brasileira contemporânea, Ana Maria Machado (1941), foi pintora, jornalista e professora universitária antes de se dedicar à literatura. Sua vasta produção literária — mais de 120 livros publicados no Brasil e no exterior, com cerca de 20 milhões de exemplares vendidos — resultou em várias premiações nacionais e internacionais, em destaque: o Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o mais prestigioso da literatura infantil (2000) e o Prêmio Machado de Assis, o maior prêmio literário do Brasil. E, em 2003, foi eleita para a Academia Brasileira de Letras.

Com todo esse repertório literário, o presente capítulo visa desenvolver uma análise das obras *História meio ao contrário* (1978) e *A princesa que escolhia* (2005), da escritora, com o intuito de investigar como as personagens femininas (princesas) são construídas/representadas nas produções contemporâneas.

As narrativas de Ana Maria Machado desempenham grande poder no que diz respeito à reorganização da sociedade e nas mudanças de valores e atitudes. Com um caráter inovador, seus textos mostram seu compromisso e a relevância de suas obras para crianças e jovens. Verifica-se, que os contos clássicos destinados às crianças, apresentam “princesas construídas por intermédio de um olhar homogêneo, no qual constroem padrões de mulheres que vivem em seus castelos/palácios, com seus luxuosos vestidos à espera de um príncipe, seguindo ordens de outrem” (SILVA; FELIPE, 2022, p. 6).

O único dever a ser cumprido, é seguir as ordens e as regras do reino em prol de um final “feliz para sempre”. No entanto, as narrativas contemporâneas buscam romper com esse padrão tradicional, recriando os enredos e possibilitando experiências de leituras mais voltadas para a realidade. A literatura vem construindo, nesse sentido, personagens ficcionais a partir dos sujeitos reais.

A primeira obra escolhida, *História meio ao contrário*, publicada pela primeira vez em 1978 e ganhadora do prêmio João de Barro e Jabuti, é fruto desse processo que retoma com o universo fantástico dos contos de fadas, porém, invertendo com os elementos presentes no gênero.

Como o próprio título já indica, a história não começa pelo início e sim pelo fim: “... E então eles se casaram, tiveram uma filha linda como um raio de sol e viveram felizes para sempre... Tem muita história que acaba assim. Mas este é o começo da nossa” (MACHADO, 2010, p. 7 e 8).

A partir desse trecho, entende-se que a autora faz um trabalho de não subestimar a capacidade da criança leitora e inova nesse gênero que por muito tempo ficou, de certo modo, fechado. Sem o receio de tornar a narrativa inacessível à criança, ela rompe com aquela estrutura linear de começo, meio e fim, bem definidos nas histórias infantis. Em relação a isso, Maziero (2009, p. 118) discute que nessas produções contemporâneas, “a sequência narrativa nem sempre é linear; o desenvolvimento e a conclusão da história procuram propor problemas e situações a serem solucionadas de várias maneiras, não apontando para soluções absolutas”.



A narrativa, após uma breve introdução, inicia com a história de um Rei que por sempre ficar dentro de seu castelo com sua real família, nunca tinha reparado na beleza do dia e, justamente, por esse motivo não sabia da existência do pôr do sol. Um certo dia, ao passear pelo alto das muralhas do castelo, o Rei conseguiu reparar nesse fenômeno e ficou tão assustado que pensou que alguém tinha roubado o dia pela noite: “— Socorro! Acudam! Ladrões! Biltres! Facínoras! Bandidos!” (MACHADO, 2010, p.12).

Depois do ocorrido, resolve ir à procura dos culpados e descobre que se trata de um Dragão Negro, que aparece diariamente para roubar o dia, até se cansar dele e devolvê-lo novamente. Não encontrando uma solução para esse problema, decide oferecer a própria filha em casamento a quem conseguir deter o monstro.

É importante destacar, que nas histórias infantis, determinadas figuras ou personalidades podem cumprir um papel bastante importante, ou peculiar, a tal ponto de exercerem uma espécie de representação metafórica dentro da narrativa.

O personagem rei, por exemplo, pode representar aqui nesse contexto, a autoridade, o detentor do poder, o patriarca da família, aquele que merece respeito e obediência. Partindo disso, Coelho (2000), define personagem como:

[...] a transfiguração de uma realidade humana (existente no plano comum da vida ou num plano imaginário) transposta para o plano da realidade estética (ou literária). Não há ação narrativa sem personagens que a executem ou vivam. A personagem é o elemento decisivo da efabulação, pois nela se centra o interesse do leitor. Adultos ou crianças, todos nós ficamos presos àquilo que acontece às personagens ou àquilo que elas são (Coelho, 2000, p. 74).

Desse modo, entende-se que o papel de um personagem é de extrema importância, tanto para o desenvolvimento da narrativa, quanto para a identificação por parte do público leitor. Ainda, segundo a autora, existem, basicamente, três tipos de personagens que povoam as narrativas: personagem-tipo, personagem caráter e personagem individualidade. A primeira, geralmente, é encontrada nos contos de fadas ou nos contos maravilhosos, sendo “bastante simples em sua construção e facilmente reconhecível pelo leitor, pois corresponde a uma função ou a um estado social. São personagens estereotipadas: não mudam nunca em suas ações ou reações” (COELHO, 2000, p. 75).

Em *História meio ao contrário*, apesar de serem apresentados personagens-tipo, é possível perceber mudanças no que diz respeito às características comportamentais de algumas delas, principalmente na figura da princesa.

Na narrativa, como menciona Zilberman (2005, p. 53), o rei convoca “o convencional herói buscador das histórias de fada: um príncipe que se encarregue de resolver o problema; bem-sucedido, ganhará a princesa em casamento”. A partir daí, fica evidente os velhos padrões estabelecidos pela sociedade: o casamento arranjado pelos pais.

Entretanto, apesar de pouco se expressar ao longo da narrativa, a princesa, figura que sempre foi condicionada à submissão e à passividade, insere-se na busca de romper com a tradição. É uma das personagens que melhor representa o exemplo de ruptura, pois



no momento em que o Rei, seu pai, lhe oferece em casamento ao príncipe, ela se posiciona e recusa a aceitar:

— Meu real pai, peço desculpas. Mas se o casamento é meu, quem resolve sou eu. Só caso com quem eu quiser e quando quiser. O Príncipe é muito simpático, valente, tudo isso. Mas nós nunca conversamos direito. E eu ainda quero conhecer o mundo. Até hoje eu nem sabia que o sol voltava todo dia tão bonito. Tem muita coisa mais que eu quero saber. Isso de ficar a vida inteira fechada num castelo é muito bonito, mas eu vi que aqui fora, nesses campos e nesses bosques, tem muita coisa mais. Não quero me casar agora (Machado, 2010, p. 44).

Assim, observa-se que esta personagem apresenta características diferentes das princesas clássicas, revelando-se ativa, independente, determinada e autônoma. Ainda com base no posicionamento de Zilberman (2005), Ana Maria Machado confere um importante lugar para a personagem feminina, porém, seus textos não são considerados renovadores, apenas por apresentar temáticas e seres tradicionais da literatura infantil de uma forma diferente e transformadora, mas porque “as mudanças são lideradas por mulheres que, de um jeito ou de outro, se rebelam contra papéis sociais previamente fixados, situações convenientes ou deveres consolidados pelo tempo” (ZILBERMAN, 2005, p. 59).

A decisão da princesa de não querer se casar com o príncipe causa um enorme alvoroço: “O Rei gritou, urrou, esbravejou. A Rainha explicou que todas as princesas das histórias casam com os príncipes que vencem os dragões e os gigantes. E que os dois vivem felizes para sempre” (MACHADO, 2010, p. 44). Como é possível notar neste trecho, a Rainha é uma personagem que ainda segue os princípios dos contos de fadas tradicionais que sempre termina com um final feliz. Não compatibilizando com esse mesmo pensamento, a princesa demonstra que quer mesmo é viver livre, conhecer o mundo, viajar, estudar e adquirir novos conhecimentos. E foi exatamente isso que ela fez:

No dia seguinte, a princesa começou uma longa viagem para conhecer outras pessoas, outras terras, outros reinos. E até mesmo algumas repúblicas. Acabou indo estudar numa delas, enturmando, fazendo amigos. Vem sempre passar as férias no real castelo e conta uma porção de novidades (MACHADO, 2010, p. 45).

Dessa forma, fica perceptível que Ana Maria Machado apresenta uma personagem próxima da realidade, que rompe com os paradigmas impostos pela realeza e busca redefinir o seu papel social. Sua escrita inovadora dar voz e espaço para que a personagem feminina alcance seus objetivos e tome suas próprias decisões, sem precisar se submeter a um casamento.

Na mesma perspectiva, tem-se *A princesa que escolhia*, em que a escritora novamente retoma com o universo dos contos de fadas, trazendo personagens típicos como rei, rainha, príncipe e princesa; porém, com um olhar voltado para a contemporaneidade.



Nesta obra, é apresentada por meio de ilustrações, uma princesa negra que rompe com os estereótipos de beleza, passividade e dependência masculina, mostrando discursos de empoderamento e liberdade de escolha.

Essa apresentação de novos perfis de princesas, contribui, segundo Silva e Felipe (2022, p. 6), para a compreensão da diversidade presente na narrativa, disponibilizando “espaço para sujeitos que há muitos anos eram, e ainda são marginalizados pela cor de pele, possibilitando a criança a identificação e o entendimento de que também é possível existir princesas negras”.

O livro conta a história de uma princesa muito boazinha que por sempre dizer “sim” para todas as pessoas ao seu redor, resolveu um certo dia dizer “não”. O rei não gostando da atitude da filha decidiu deixá-la de castigo na torre do palácio, pois “ele era do tipo que achava que príncipe serve para andar a cavalo, enfrentar gigantes e matar dragões, mas que princesa só serve para ficar aprendendo a ser linda e boazinha, enquanto seu príncipe não vem” (Machado, 2012, p. 8).

Entretanto, diferenciando-se das personagens dos contos clássicos, a princesa não ficou à espera de um príncipe para salvá-la, ela mesma buscou resolver os próprios problemas. Do alto da torre, tendo acesso a uma biblioteca e a um jardim, conseguiu perceber que o mundo ia muito além das muralhas do castelo.

O que era para ser um castigo, acabou se tornando a maior sorte da princesa, pois da torre ela podia ver as aldeias, os vales, os bosques, os navios velejando no mar, os jardins e, além do mais, pôde ter contato com tudo o que gostava, como livros, televisão, internet e amigos.

Um certo dia, ao assistir um noticiário, viu que uma epidemia preocupava o reino e, então, com todo seu conhecimento por conta das leituras e pesquisas encontrou a cura para a doença. O rei ficou tão feliz que resolveu tirá-la do castigo, dando-lhe o direito de escolher um presente e ela escolheu o direito de fazer suas próprias escolhas.

A partir desse dia, a princesa passou a escolher. Começou logo escolhendo uma coisa importante: ia dispensar os preceptores e estudar numa escola com montes de colegas. Escolhia a roupa que ia vestir, a comida que gostava, o filme que ia assistir. Às vezes, quando as escolhas dela não combinavam com as dos outros, era preciso chegar a um acordo: um dia viam um jogo de futebol como o pai queria, outro dia o desenho dela, outro dia a novela da mãe. Ou combinavam os horários em que cada uma via televisão. Mas em geral ia dando certo (Machado, 2012, p. 24).

De acordo com Sousa e Amaral (2017, p. 108), “nesses novos enredos, nos deparamos com princesas completamente livres, aventureiras, donas do próprio destino e permeadas de desejos bem diferentes daqueles encontrados nos contos tradicionais”. Sendo assim, faz-se necessário frisar que, com o movimento feminista, as mulheres vêm conquistando cada vez mais espaço na sociedade, buscando seus direitos e adquirindo seu devido reconhecimento.

E, com o crescimento desse movimento, elas também estão se destacando na literatura, como podemos ver nessa narrativa, em que a personagem feminina passa a ter consciência de sua situação e do contexto em que está inserida, tornando-se ativa,



destemida e capaz de fazer as próprias escolhas. Ana Maria Machado constrói uma princesa que rompe com a tradição a partir do momento que deixa de seguir com o padrão clássico de comportamento, não sendo mais obediente e boazinha.

Passado algum tempo, o rei decide que é o momento da princesa se casar e convida vários príncipes para o baile. Não se agradando de nenhum dos candidatos, ela encontra o par perfeito para cada um, conforme menciona a autora:

O primeiro era todo esportivo, gostava de escalar montanhas e subir em paredes. Não era um marido que a princesa quisesse escolher. Ela lembrou de uns livros que tinha lido e sugeriu:

— Sabe aquele deserto assim naquele lugar assim assado?

Pois lá tem uma torre enorme, com umas tranças penduradas, ótimas para escalar. O segundo pretendente conversava muito sobre a criação de gado, fabricação de couro e exportação de calçados. Ela achou que ele deveria ser bom para experimentar sapatinhos e escolheu uma boa noiva para ele. E daí a pouco tempo estava casado com uma tal de Cinderela (MACHADO, 2012, p. 31).

E, assim, foi escolhendo os pretendentes com perfis adequados para as princesas dos contos de fadas clássicos: Cinderela, Rapunzel, Bela Adormecida e Branca de neve. Até o Barba Azul quis se casar com a princesa, mas como ela tinha lido muitas histórias, lembrou-se de quem se tratava e chamou a polícia.

Percebe-se, então, que a intertextualidade é um aspecto bem comum na narrativa, a partir do momento que a autora faz referências às várias princesas dos contos clássicos com a intenção de mostrar para o leitor como as personagens femininas são representadas na literatura tradicional e contemporânea.

Nesse sentido, Pereira (2022, p. 54) destaca que: “[...] nas narrativas infantis e juvenis contemporâneas a representação da figura feminina está sendo evidenciada de forma corajosa, decidida, curiosa, e esses acontecimentos estão bem contemplados na sociedade atualmente”.

Como expõe Ana Maria Machado (2012), a princesa não escolheu nenhum príncipe para si. Preferiu estudar, viajar, cursar uma universidade, conhecer novos lugares e pessoas. Até encontrou um velho amigo, o filho do jardineiro, do tempo em que tinha ficado presa na torre, e escolheu ele para namorar e se casar.

Porém, a história não acaba em casamento. Com a morte do rei, ela teve que assumir o trono, porém, decidiu que deveria haver eleições para que todos pudessem escolher um primeiro ministro para governar e, caso não gostassem dele, poderiam escolher outro.

Sendo assim, tanto *História meio ao contrário*, quanto *A princesa que escolhia*, deixam claro que as mulheres não precisam de um casamento para serem felizes para sempre e sim, de liberdade para fazerem suas escolhas. Nas narrativas em questão, a autora remete a vários temas da atualidade, dentre eles, a questão da emancipação feminina, construindo protagonistas com características totalmente diferentes daquelas, nas quais estamos acostumados a encontrar nos contos de fadas tradicionais, modificando “[...] o



modo como as princesas enxergam o mundo, como costumam agir, abordando a questão da autonomia, do poder de escolha sobre si e sobre o mundo” (SILVA; FELIPE, 2022, p. 6).

Além disso, um ponto importante é que Ana Maria Machado não estabelece um final para as duas narrativas, sendo mais uma das características da literatura infantojuvenil contemporânea. O leitor, nesse caso, a criança, tem a possibilidade de criar e inventar seu próprio final, de acordo com sua imaginação.

Portanto, suas obras podem ser consideradas “emancipatórias, já que alimentam a criatividade; a curiosidade; a fantasia do leitor, mostrando-lhe diferentes perspectivas sobre a realidade e o mundo que o circunda” (MAZIERO, 2009, p. 117).

Em geral, essas obras conseguem dialogar com o tempo atual a partir do momento que rompem com os padrões dos contos de fadas e apresentam, em seus enredos, personagens femininas (princesas) que presenciam situações próximas da realidade dos jovens leitores, que lutam por seus direitos de escolhas e vão em busca de estudos e da aquisição de novos conhecimentos.

Debatendo sobre feminismo, representatividade e questões de gênero, essas narrativas contemporâneas auxiliam, inclusive, para que as meninas tenham um outro entendimento a respeito do papel social da mulher no século XXI e, assim, permitindo que planejem seus futuros com mais autonomia e determinação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente pesquisa tivemos o propósito de analisar a construção das personagens femininas nas narrativas infantojuvenis *História meio ao contrário* e *A princesa que escolhia*, de Ana Maria Machado.

O objetivo geral foi investigar como o feminino vem sendo representado na literatura infantojuvenil contemporânea. Sendo, assim, diante de tudo que foi exposto ao longo do trabalho, conclui-se que a literatura infantojuvenil tem o poder de despertar no indivíduo a imaginação; o prazer e o gosto pela leitura, além de ajudá-lo a refletir sobre diversas questões e a ter uma visão mais ampla do mundo.

Por meio das leituras, foi possível perceber que as mulheres sempre foram vistas, de acordo com o patriarcalismo, como frágeis e inferiores aos homens, destinadas apenas aos cuidados do lar, do marido, dos filhos, e isso acabou se refletindo por muito tempo nas narrativas infantis, em principal, nos contos de fadas.

No entanto, com as diversas modificações ocorridas no decorrer dos tempos, em relação às conquistas das mulheres por direitos, respeito e reconhecimento; a literatura também foi se transformando, havendo uma necessidade de criar novas representações do feminino que condizem com a atualidade.

Dessa forma, em *História meio ao contrário* e *A princesa que escolhia*, observou-se que Ana Maria Machado buscou desconstruir aquela imagem enraizada de princesa



obediente, dependente e incapaz, que se tinha nos contos de fadas clássicos da literatura infantil.

Ela rompe, dessa forma, com os estereótipos de gênero que por muito tempo aprisionaram os comportamentos e atitudes das crianças, apresentando em seus enredos personagens femininas independentes, determinadas e autônomas, que vão em busca de conhecimentos; de realização pessoal; profissional e, além disso, que modificam seus “ finais felizes ”.

Ambas as narrativas abordam temáticas voltadas para a emancipação, autonomia e empoderamento feminino, evidenciando que as princesas contemporâneas, diferentemente das tradicionais, têm mais liberdade de escolha e não precisam de casamento para ser feliz.

Percebe-se que as personagens femininas das narrativas infantojuvenis contemporâneas, assim, como as mulheres da sociedade atual, vêm ganhando mais voz; visibilidade e espaço, deixando, portanto, de serem submissas e passivas diante da figura masculina, bem como, lutando por seus direitos de escolha, liberdade e igualdade perante a todos.

Desse modo, a literatura tem cumprido uma importante função social no que diz respeito à formação de sujeitos críticos, autônomos e pensantes. Ela tem a capacidade de abrir novos caminhos, de mostrar novas possibilidades e de transformar olhares.

O contato, desde cedo, da criança com a literatura, torna-se fundamental para o seu desenvolvimento, pois estimula diversas habilidades e possibilita que compreenda e interprete o mundo; a vida e a realidade na qual está inserida de uma forma diferente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Veridiana. **Literatura Infantojuvenil**. 2. ed. Curitiba: Fael, 2017.

ANA MARIA MACHADO: **Uma das escritoras mais versáteis e completas da literatura brasileira, Ana Maria Machado comemora 50 anos de escrita em 2019**. Companhia das letras. São Paulo. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/sala_professor/pdfs/GuiaProf_AnaMariaMachado.pdf>. Acesso em: 21 de nov. de 2022.

BARBOSA, Niúra Ferreira. **Diversificando a leitura na escola: as relações de gênero na literatura infantil**. Monografia - Curso de especialização em gênero e diversidade, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p.43. 2016.

BEAUVOIR, Simone. Infância. In: ____ (org.). **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 307-361.

BOLTEN, Vitória Tiggemann. **Representações do feminino: a literatura infantil de guerra aos estereótipos de princesas ocidentais clássicas**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 52, 2019.



- BOTTON, Andressa. **“E o prêmio vai para...”**: os estereótipos de gênero nos livros infantis premiados na última década. Diss. (Mestrado) - Faculdade de Psicologia, Pós-Graduação Psicologia Social, FUCRS. Porto Alegre, p. 111. 2011.
- CADERMATORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. - (Coleção Primeiros Passos; 163).
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil teoria e prática**. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- MACHADO, Ana Maria. **A princesa que escolhia**. Ilustração de Mariana Massarani. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- MACHADO, Ana Maria. **História meio ao contrário**. 26. ed. São Paulo: Ática, 2010.
- MAZIERO, Estefania. Literatura infanto juvenil: dos contos de fadas às narrativas contemporâneas. **Disciplinarum Scientia**. S. Maria, v. 10, n. 1, p. 111- 128, 2009.
- NIGRO, Cláudia. **Literatura e Gênero I**. Olho d'água, São José do Rio Preto, p. 1- 215, 2019.
- PEREIRA, Naiara Amorim. **A representação do papel da mulher na narrativa a princesa que escolhia de Ana Maria Machado**. Monografia (Graduação) – Curso de Linguagens e códigos - Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão. São Bernardo, p. 56. 2022.
- RICHE, Rosa Maria Cuba. Literatura infanto-juvenil contemporânea: texto/contexto-caminhos/descaminhos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 17, n. 31, p. 127-139, 1999.
- ROCHA, Roseli Meira Gomes; BARBOSA, Adriana Maria de Abreu. Representação e protagonismo: a figura materna nos contos “a princesa que escolhia” e “uma, duas, três princesas”, de Ana Maria Machado. **Fólio - Revista de Letras**, Vitória da conquista, v. 12, n. 1, p. 1388-1406, 2020.
- SILVA, Chrislayne Farias; FELIPE, Calixto Felipe. O protagonismo feminino na literatura infanto-juvenil: desmistificando o final feliz em a princesa sabichona e a princesa que escolhia. **VII Conedu**, Campina Grande, 2022.
- SOUSA, Andressa Castro Priori; AMARAL, Nair Ferreira Gurgel. As novas identidades das princesas empoderadas na literatura infantojuvenil contemporânea. **Revista Professare**, caçador, v. 6, n. 2, p. 97-122, 2017.
- ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.



REPRESENTATIONS OF FEMALE
CHARACTERS IN CONTEMPORARY
CHILDREN'S LITERATURE BY ANA MARIA
MACHADO

INVENTARIO